

# RESISTÊNCIA CONTRA O ABANDONO CULTURAL: UM REGISTRO MEMORIALÍSTICO DA CIDADE DE ABAETETUBA

Dyellem Silva da Costa<sup>1</sup>  
Mara Rita Duarte de Oliveira<sup>2</sup>

## RESUMO

O referente trabalho apresenta uma pesquisa que tem como propósito lutar contra o esquecimento cultural e memorialístico da cidade de Abaetetuba, através do resgate e registro da memória de pessoas que participaram de fatos importantes para a criação, construção e desenvolvimento da cidade, traduzidas em narrativas de resistência, documentos, fotos, registros pessoais, fazendo um resgate de pessoas simples da cidade, dando voz aos atores anônimos das camadas excluídas da sociedade que vivenciaram momentos importantes do dia-a-dia da cidade dentro de suas comunidades e que não encontramos em documentos ou arquivos catalogados na história oficial, uma vez que estes buscam preservar o patrimônio cultural da cidade que assume um valor coletivo e constitui a riqueza e identidade de um povo.

**Palavras-chave:** Memória – Patrimônio cultural – História Oral.

## INTRODUÇÃO

Quando quero imaginar como vivíamos, como pensávamos naquele período, é para eles que volto minha reflexão. É isso que faz a história contemporânea me interessar de maneira completamente diferente da história dos séculos precedentes. (...) Contudo diferente de outras épocas, esta vive em minha memória, pois nela estive mergulhado e toda uma parte de minhas lembranças de então é apenas seu reflexo (HALBWACHS, 2006, p.78).

<sup>1</sup> Graduanda no curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências da Linguagem (FACL) do Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará (2010). Fui bolsista no ano de 2012 do Projeto Memória Social da Cidade de Abaetetuba (PIBIC-UFPA), hoje sou bolsista do Projeto Protagonismo Juvenil: Direitos e Democracia, promovido pela UFPA, e desenvolvo pesquisa sobre temas voltados a memória, patrimônio cultural e história oral.

<sup>2</sup> Possui graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual do Pará (1994). Especialização em Educação e Informática pela Universidade Federal do Pará (1997), Mestrado em Agriculturas familiares e Desenvolvimento Sustentável pela Universidade Federal do Pará (2003) e Doutorado em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). É professora Adjunto I da Universidade Federal do Pará (Campus Universitário de Abaetetuba). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa: Memória, Formação Docente e Tecnologia (GPEM). Tem experiência na área de educação formal e não-formal, com ênfase em Educação no Campo, atuando principalmente nos seguintes temas: educação no campo, trabalho e educação, memória Docente e Formação de Professores, tecnologias da informação e da comunicação e formação docente.

II Encontro Internacional de Direitos Culturais

A memória constitui um fator importante para a construção da identidade de um povo; ela é a marca ou sinal de uma cultura. No contexto atual a globalização tem um papel decisivo no processo de desconstrução de culturas e construção de novas identidades, por meio da mídia e meios de comunicação em massa. O uso de novos recursos tecnológicos, como a internet e redes sociais constituem como uma nova forma de aproximar as pessoas, encurtar a distância, porém, ao mesmo tempo em que estreitam-se os laços, o meio urbano afasta as pessoas de suas vivências, suas tradições, de seus costumes culturais; as pessoas deixam de ser sujeitos ativos e participativos na construção da identidade local

O município de Abaetetuba é bastante antigo. Desde sua colonização no início do século XVIII pelas grandes navegações que aportavam na cidade e que trouxeram a criação e o desenvolvimento do catolicismo, do comércio e da indústria. Foi a partir de imigração de povos oriundos de outros países que implantaram outras culturas e costumes na cidade. O município apresentava um grande acervo patrimonial histórico e cultural, tanto material quanto imaterial, entretanto hoje está defasada, a memória da cidade não é preservada, apenas permanece vivo na memória de pessoas que vivenciaram fatos e momentos importantes dentro de suas comunidades criando a identidade de seu povo.

Atualmente não é feito tanto por parte do poder público quanto da população uma preservação desses patrimônios, principalmente urbanísticos; não é respeitado ou valorizado a cultura local nem sua história. Com o surgimento de novas culturas, foram banindo as antigas tradições, costumes, não há uma preservação do patrimônio urbanístico da cidade e muito menos do seu patrimônio imaterial presente nos saberes do povo e que são de fundamental importância para manter vivo a história local.

Uma sociedade que não valoriza ou que não constrói ou fortalece um saber coletivo a partir de sua cultura, espaço ou tempo, não faz história, assim, deve-se preservar não só essas significações como os testemunhos de pessoas que preservam e ressignificam suas memórias e que constroem uma identidade. Devido a aceleração e avanços dos meios de comunicação ampliam-se novos horizontes e conseqüentemente novas culturas, cada vez mais o cotidiano corriqueiro e digital afasta as pessoas das vivências tradicionais e dos costumes, logo a memória não é mais encontrada no ambiente social, faz-se necessário que as conservemos em lugares especiais para que haja continuidade dos saberes.

Lugares como bibliotecas, museus, acervos, e também em documentários que sujeitos que viveram e contribuíram para o desenvolvimento da cultura local e que ainda hoje preservam e respeitam sua tradição.

Nossa memória não se apoia na história aprendida, mas na história vivida. Por história, devemos entender não uma sucessão cronológica e eventos e datas, mas tudo o que faz com que um período se distinga dos outros, do qual os livros e as narrativas em geral nos apresentam apenas um quadro muito esquemático e incompleto (HALBWACHS, 2006, p.79).

Percebemos a predominância da memória oficial, do grupo dominador, e não a memória marginal, subterrânea, aquela das camadas populares, dos vencidos e que normalmente não se vê. É de fundamental importância que o município junto às escolas possam fazer um trabalho de interação junto a comunidade, para desenvolverem projetos que mostrem e incentive as crianças e jovens sobre a importância em se preservar a memória da cidade, fazendo um regate de seu patrimônio cultural.

## **MEMÓRIA, UM REGISTRO DO VIVIDO**

O desejo em trabalhar com Memória Social da Cidade de Abaetetuba, para resgatar seu patrimônio cultural veio por acreditar que a realidade do município como muitos outros, se mostra defasado em se tratando da preservação do patrimônio tanto arquitetônico da cidade, como de seu patrimônio cultural (folclore, dança, música, poemas). Abaetetuba traz consigo um contexto histórico rico de pesquisa como fonte documental que precisa ser passada “de pai para filho”, e não ficar no esquecimento.

Abaetetuba é uma das mais importantes cidades do Pará, por ser o município mais populoso, e ser rodeada por rios e igarapés. A cidade se desenvolve sem parar em virtude da chegada de grandes projetos de indústria como ALBRAS e ALUNORTE localizadas em um município vizinho, e o comércio local que geram emprego e renda; porém, devido o grande desenvolvimento proliferam também problemas referentes ao inchaço urbano que acarreta o aparecimento de outros costumes e conseqüentemente outras culturas.

Nascida às margens do rio Maratauíra, Abaetetuba é conhecida mundialmente por outras atividades, como a carpintaria naval, engenhos da cachaça e como a capital mundial dos brinquedos de miriti os quais são exportados para os diversos países e que fortalecem a economia local. Isso mostra que a cultura é importante para uma cidade, portanto, garantir o

respeito à cultura, preservar a história da cidade e os grupos culturais que ainda resistem ao esquecimento é dever não só do município como a sociedade reconheça o bem cultural (material ou imaterial), como mostra a Declaração do México de 1985:

O patrimônio cultural de um povo compreende as obras de seus artistas, arquitetos, músicos, escritores e sábios, assim como as criações anônimas surgidas da alma popular e um conjunto de valores que dão sentido à vida. Ou seja, as obras materiais e não materiais que expressão a criatividade desse povo: a língua, os ritos, as crenças, os lugares e monumentos históricos, a cultura, as obras de arte e os arquivos e bibliotecas (IPHAN, 2000, p.275).

Para o desenvolvimento da pesquisa tive a necessidade de mergulhar na pesquisa sobre o tema memória social para a compreensão do trabalho. Esse questionamento se justifica pelo fato de que a história oral, método que utilizo, tem como suporte a história de vida de cada um, suas experiências, ou seja, suas lembranças, que ao serem contadas reconstróem o passado e ao se somarem com as outras vão tecendo uma memória coletiva. A maior potencialidade desse tipo de fonte é a possibilidade de resgatar o indivíduo como sujeito no processo histórico.

Trabalhar com fontes orais propicia sobretudo uma atividade mais democrática, pois, permite produzir e conhecer novas versões de histórias que até então pensávamos que conhecíamos a partir dos relatos de pessoas que vivenciaram e participaram em um determinado período social, através de suas referências e de seu imaginário. Para (FREITAS, 1993, p. 53):

O trabalho com a história oral, possibilita novas versões da história, ao dar voz a múltiplos e diferentes narradores. (...) O registro das reminiscências das memórias individuais, a reinterpretação do passado, enfim, uma história alternativa à história oficial.

A memória faz uma relação com a história, pois preserva tanto seu fator social, quanto indenitário, ela é um fenômeno construído, que ao ser lembrado, resgata o passado, para que possamos construir um futuro e conhecermos nossa história. Quando lembramos, por mais que estejamos sós, evidenciando uma memória coletiva, esta como a soma de relatos orais de experiências, lembranças, fragmentos individuais, que quando contados se reconstrói o passado junto à narrativa de outros testemunhos que segundo (FREITAS, p: 35-36):

A história é sinônimo de memória, havendo uma relação de fusão. Elas não se distinguem. A história se apodera da memória coletiva e a transcreve em palavras. É nesse momento que a história da voz ao “povo” pela primeira vez. O século XIX, é o momento da perda da memória, ou melhor, ela vai se ancorar na história.

II Encontro  
Internacional  
de Direitos  
Culturais  
2nd International Meeting  
on Cultural Rights

Minha pesquisa gira em torno da história oral, nela as entrevistas tem caráter temático, ou seja, é delimitado um tema a ser contado, lembrado pelos sujeitos (depoentes) sobre um assunto específico. Dessa maneira, foram coletados vários depoimentos, tendo como objetivo buscar informações na fala de diferentes personagens e de diferentes épocas, o que permite uma comparação entre eles, apontando divergências e evidências de uma memória coletiva.

É dessa maneira que a pesquisa com a história oral pode ser desenvolvida em diversos contextos, individualmente ou coletivamente, com novas e antigas gerações, com adultos, jovens ou idosos, sem distinção, dando voz a autores anônimos, muitas vezes marginalizados pela sociedade que não preserva seu patrimônio cultural, valorizando apenas culturas oriundas de outras localidades essa que visam apenas ao consumo e ao lucro.

## HISTÓRIA ORAL COMO METODOLOGIA

Utilizo a História Oral como metodologia de pesquisa, pois, busca-se através desta valorizar o testemunho de fontes orais de pessoas que vivenciaram momentos importantes para a história da cidade de Abaetetuba. A partir do registro histórico coletados da memória de cada grupo e da problemática interna que cada um deles vivenciaram em suas comunidades. Segundo (HALBWACHS, 2006, p. 71):

As lembranças se organizam de duas maneiras: tanto se agrupando em torno de uma determinada pessoa, que as vê de seu ponto de vista, como se distribuindo dentro de uma sociedade grande ou pequena, da qual são imagens parciais. Portanto, existiriam memórias individuais e, por assim dizer, memórias coletivas. Em outras palavras, o indivíduo participa dos dois tipos de memórias.

Ao delimitar o tema de minha pesquisa, senti a necessidade de aprofundar minhas investigações e meu conhecimento acerca do meu objeto de estudo, com intuito buscar informações de cunho bibliográfico sobre a cidade lócus da pesquisa. Busquei livros de autores do município que contam a fundação e história do mesmo, através da leitura de livros e jornais antigos que falavam sobre acontecimentos sociais da cidade nas décadas de 60, 70 e 80.

Abaetetuba fica localizada na zona fisiográfica Guajarina, à margem direita do rio Tocantins, em frente à baía de Marapatá, no Baixo Tocantins. Ela é uma cidade antiga, fundada no século XVIII em um ponto situado a 50 Km em linha reta da capital do Estado. A cidade é sinônimo de grandes belezas naturais, pois possui três tipos de solo: o solo de várzea, na mancha do solo das Ilhas cerca de 45; os tesos, e finalmente

# II Encontro Internacional de Direitos Culturais

o solo de terra firme, em virtude do clima quente e seco, sujeitos a enchentes periódicas dos rios e igarapés (LOUREIRO, 2005, p.27).

No desenvolvimento da pesquisa busquei investigar fontes orais, ou seja, ir à campo para confrontar ou confirmar minhas inquietações e questionamentos sobre o patrimônio material e imaterial da cidade, que até então eu havia pesquisado e encontrado na memória oficial. Para fazer esse tipo de pesquisa fez-se necessário elaborar um planejamento para a atividade.

Assim, para além do caráter documental do trabalho, realizar-se-á uma pesquisa de campo, numa abordagem qualitativa, tendo em vista que a mesma nos permite delimitar o seu período da coleta de dados e selecionar os instrumentos que serão aplicados durante a pesquisa. Segundo MINAYO (2012, p.21):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. (...) Ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendidos aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

O primeiro passo foi confeccionar uma lista com nomes de pessoas que posteriormente pudessem ser depoentes e doar seus depoimentos para pesquisa. Também é importante relatar a pesquisa que fiz sobre a vida social dos entrevistados, esse fator é importante pois, nos permite que tenhamos conhecimento do depoente e que no decorrer das entrevistas, possamos estar mais familiarizados com o assunto, de modo a ajuda-lo a esclarecer nomes e datas em algum momento.

O segundo passo foi planejar um roteiro geral para as entrevistas. A elaboração desse roteiro me possibilitou melhor conduzir a entrevista, focando a temática em questão e questões mais importantes a ser perguntadas e ate aonde ir a entrevista. Saber conduzir, delimitar e finalizar a entrevista é importante, pois na maioria das vezes dos depoentes se “empolgam” e partem para outro contexto e/ou assunto que não irá contribuir naquele momento para a pesquisa em questão.

Elaborei um roteiro amplo com questionário contendo os dados dos depoentes, data, hora e a local onde aconteceram as entrevistas e cinco perguntas que abrangesse o tema. Segundo Chizzotti (2001), o roteiro é um instrumento que possibilita elencar itens pré-elaborados e sistematizados em uma ordem de ideias diretamente ligadas aos sujeitos

envolvidos no objeto da pesquisa e principalmente focalizando o assunto que se quer obter informações, respaldado na possibilidade de estruturar logicamente a ordenação da coleta de dados, principalmente pela liberdade de organizar as perguntas numa linguagem simples, porém de forma compreensiva para que o sujeito tenha condições de produzir respostas de forma coerente e estruturada.

Vale ressaltar o cuidado também em conduzir as entrevistas. O entrevistador precisa deixar o entrevistado à vontade durante a entrevista, também saber em que momentos interferir nos depoimentos, além de saber ouvir sem interferir ou mostrar desinteresse na fala dos depoentes. A posição de quem conduz as entrevistas é muito importante para que não tomemos à frente assuntos pertinentes à entrevista.

Ao concluir as entrevistas me deitei a transcrevê-las, nessa etapa o pesquisador também precisa tomar cuidado ao transcrever as falas dos depoentes. A realização da transcrição deve ser na íntegra das entrevistas gravadas.

O registro fidedigno, e se possível “ao pé da letra”, de entrevistas e outras modalidades de coleta de dados cuja matéria-prima é a fala, torna-se crucial para uma boa compreensão da lógica interna do grupo ou da coletividade estudada (MINAYO, 2012, p.69).

## **MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: UMA VOLTA AO PASSADO**

As primeiras entrevistas que desenvolvi foram com pessoas idosas. Meu objetivo referente à pesquisa visa explorar experiências pessoais de sujeitos simples e que ainda se fazem registrados em suas lembranças para contar e registrar os fatos sociais por eles vividos. Pois há uma história oficial, de datas e eventos importantes que quanto estudante temos a obrigação de estudarmos e decorarmos.

Pude ver nos olhos dessas pessoas indignação e desprezo por essa cultura de massa que se instalou na cidade, entretanto pude perceber e confirmar diante dos depoimentos a esperança e o desejo na volta ao passado, reavivando a cultura que antes predominava, uma vez que se tratava de uma cultura voltada para a união, a família, os amigos. No resgate dessas lembranças fica claro o sentimento de pertencimento desses sujeitos para com a sociedade em querer resgatar o patrimônio cultural.

# II Encontro

O município não preserva sua tradição cultural. Ela mantém as “duras penas”, alguns conhecem aqui e ali, mais o município não está preservando, a cultura esta se diluindo, acabando. Algumas manifestações persistem, por que existem pessoas que são “impinimados”, que continuaram, mas elas não recebem apoio de nada, de ninguém; eu não digo só politico, mais o comércio, que ganha dinheiro do povo, porém não patrocina nada para ajudar as manifestações que tentam sobreviver (Entrevista 03)

O município não preserva as tradições culturais. Leva na barriga aqueles que ainda acreditam que as tradições não podem morrer (Entrevista 02)

Percebemos a importância de do trabalho com História Oral, destacamos que ao logo das narrativas, há ainda pessoas que lutam contra o esquecimento de acontecimentos marcantes, mais que permanecem vivos na lembrança, segundo Guedes-Pinto (2002, p.96):

A História Oral preocupa-se, fundamentalmente, em criar diversas possibilidades de manifestação para aqueles que são excluídos da história oficial, tanto a “tradicional” quanto a contemporânea, e que não possuem formas suficientemente fortes para o enfrentamento das injustiças sociais.

Quando você não tem uma cultura solida, você é esmagado pela cultura maior. Então nós perdemos todas as nossas tradições, nos perdemos nossas tradições de falar nas escolas sobre a tradição das lendas, dos mitos; não se faz leitura dos poemas e autores como Castro Alves, autores da terra que quase ninguém conhece, ninguém sabe falar sobre eles, os professores de português deveriam priorizar a poesia como a maior forma de comunicação, eles não sabem, mais as aulas ficariam mais agradáveis, os alunos não ficariam cansados e favorecia a um conhecimento mais divertido e dinâmico (Entrevista 02).

É dessa maneira que muitos ainda resistem a cultura que agora predomina no município, e tentam buscar recursos para que providencias sejam tomadas em prol da valorização e conservação do patrimônio histórico da cidade. Estes depoimentos são para nós de suma importância para que compreendamos sobre a memória cultural da cidade na voz dos esquecidos, o que Ecléia Bosi chama de outra história, a de cada um, construída ao longo da vida, a partir de um cotidiano muitas vezes corriqueiro, mas sempre relevante.

Para a realização da pesquisa busquei resgatar a genealogia de descendentes das tradicionais famílias de Abaetetuba, como pessoas que marcaram presença no desenvolvimento da cidade, pois, *uma historia de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu* (BOSI, 2003, p. 240). Além de jovens e pessoas idosas, dando lugar ao que Pollak (1989) denominou de *memórias subterrâneas*, ou seja, lembranças de sujeitos até então

desconhecidos, mais que assumem papel importante para a construção e o próprio conhecimento sobre a história.

O indivíduo é agente ativo que pode construir seu ambiente ante uma infinidade de maneiras, pode resistir à pressão da sociedade. Ele não é a expressão de relações sociais estruturadas dominantes no sistema social, portador de valores, atitudes e comportamentos. Ele possui sua autonomia pessoal, evolutiva, afetiva e subjetiva, e atua num contexto social que perpassa nossos atos, sonhos, delírios, obras, comportamentos. A história desse sistema está na história de vida pessoal. (GARCIA, 2004, p.5)

Mandamos um projeto para a câmera que preservasse o patrimônio histórico, toda vez que fossem derrubar uma construção antiga, teria que fotografassem todos os ângulos e deixar registrar como arquivo, como documento, e que mandassem para a Fundação Cultural para que lá se fizesse uma catalogação da nossa arquitetura que já estamos perdendo (Entrevista 02).

O município atualmente cultua festas populares sem nenhum fim cultural, apenas comercial. Percebe-se que as festas de ruas tinha o intuito de juntar (unir) as famílias, como os forrozões, o arrastão de carnaval que era feito meses antes do evento e o desfile das escolas de samba deram lugar as festas de aparelhagem e aos blocos de micareta (Entrevista 04).

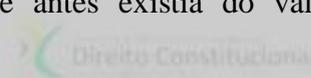
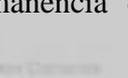
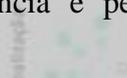
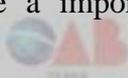
Durante os depoimentos pude perceber que as maiorias dos depoentes em alguns momentos se emocionaram, ao lembrarem sua juventude; a cidade daquela época, os amigos. Também registrados durante as falas, o silêncio em muitos momentos de fez presente, isso me leva a crer que nossa memória é seletiva, pois, nesses momentos os narradores pensam e registram apenas o que consideram como relevantes, pois nem tudo o que é lembrado é falado. A memória é um fenômeno construído, que ao ser lembrada resgata o passado para que construamos um futuro e para conhecermos nossa história.

No dia de festa você não vê uma pessoa bonita, eu fui visitar, não vi uma pessoa bem vestida, todos de bermuda, de sandálias, chapéu na cabeça com as abas para traz, pelo amor de Deus no meu tempo não! A gente “caprichava”! Na véspera da festa a gente ia de palito e gravata, nos “trinque”! Sapato social, hoje não vemos mais isso a preocupação de estar bem vestido (Entrevista 01).

A cidade era diferente. (silêncio) Com o advento populacional e o surgimento de novas cedes de festas e de outros movimentos culturais, esses antigos movimentos culturais foram acabando. Com a expansão do comercio começou a repercutir a violência dentro da cidade e na saída das festas, então as famílias começaram a se resguardar e não ir para as festas, logo foi fechando as cedes do Vênus, do Abaeté, do Brasil(Entrevista 03).

A cidade a 50 anos atrás era bonita, eu queria que o povo de hoje visse Abaetetuba a 50 anos atrás, era tudo diferente e muito melhor. Não havia tanta desunião e maldade, nem rebeldia e malcriação dos jovens que vemos hoje (Entrevista 01).

Outra passagem que me chamou atenção durante as entrevistas, foi a maneira como os depoentes relataram sobre a importância e permanência que antes existia do valor da



instituição familiar. As manifestações culturais que existiam era composta pelas famílias, por isso elas ocupam um lugar de recordação para esses sujeitos, principalmente os avós estes que ainda preservam suas tradições, a história do modelo familiar através de suas lembranças marcadas pelo tempo.

Durante as narrativas os depoentes me apresentaram além das fotografias que contam parte de suas memórias, também me mostravam moveis, objetos antigos mas, que ainda guardam com muito zelo como recordação do passado, por eles marcarem fatos significativos de sua vida, de sua família, estes singelos e simples mais que contem uma história e importância na união familiar.

Minha família é de origem ribeirinha. Minha mãe e meu pai são oriundo do Rio Tucumanduba, eles vieram para Abaetetuba no inicio do século XX. Quando eles chegaram aqui em Abaetetuba, eles encontraram o inicio de um comercio relevante, meus pais juntamente com o meu tio Carmito montaram a primeira indústria de calçados (Entrevista 04).

Nossa família era tradicional, depois que meu pai “levantou” como mecânico fez muitas coisas pela cultura do município. Minha família tem origem daqui mesmo. Eu nasci aqui, e aqui eu tô vivendo e vou me acabar aqui (risos). Meu pai era mecânico e minha mãe era domestica. Meu pai gostava muito de dançar, foi ele quem trouxe a quadrilha para Abaetetuba, mas hoje, não se dá mais espaço para as danças. Agora se segue com a evolução. As mentes agora são outras. O Papai organizava blocos, a mamãe, antes era mais as famílias todas juntas. Era tão bonito (silêncio) (Entrevista 05).

Hoje os valores e tradições não são mais preservadas por parte das nonas gerações. A contemporaneidade afasta as pessoas dos laços familiares e conseqüentemente de sua cultura local, dando espaço apenas para novas manifestações desprovidas muitas vezes de nenhuma forma cultural. No memento em que vivemos a sociedade e a família vem se modernizando, não se tem mais a consciência da importância da família em preservar o arquivo da memória familiar, suas tradições, de construção de uma identidade; numa época em que o mundo era visto com outros olhos. Para Guedes-Pinto (2002, p. 108):

As narrativas constituiu-se, assim, como um instrumento de resistência, do ponto de vista do entrevistado, que pôde trazer possibilidades de um pensar sobre suas ações, inclusive de encontrar respostas para suas inquietações, abrindo-lhes novas perspectivas.

Olha essas festas juninas foi eu que criei aqui em Abaeté; no meu tempo tinha a quadrilha que foi eu que inventei, essas festas de rua. O cordão de pássaro foi o meu pai que organizava e que trouxe pra cá, mamãe, depois que eles morreram eu continuei com o trabalho deles, (silencio) agora acabou tudo (Entrevista 05).

## II Encontro

Tínhamos festas de ladainhas, que eram feitas nas residências em determinados momentos da semana santa, elas eram cantadas pelos fies e pelas pessoas que cultivavam a cultura das ladainhas cantadas (Entrevista 04).

Tínhamos clubes de futebol onde era a diversão dos homens. E com a criação desses clubes foram criados também clubes sociais. Esses realizavam festas de 15 anos das mocinhas da época, chamadas de Festas das Flores, das Debutantes. Nos salões também eram feitas as festas de carnaval de salão onde tinha o bloco da Casadas, dos Solteiros, dos Estudantes, do Sabor do Povo (Risos) (Entrevista 01).

As festas religiosas em Abaetetuba sempre assumiram um papel importante na tradição do povo. Antes elas tinham o objetivo de reunir as famílias, aproximar mais as pessoas. Em dia de festividade do santo padroeiro a comunidade local se reunia e enfeitavam, havia união das comunidades, compromisso e respeito às tradições. Vinha gente de todos os lugares, famílias vinham do campo, das ilhas, das colônias e o povo da cidade. O comércio se movimentava; durante o ano todas as famílias economizavam e guardavam suas economias para que no dia da festividade pudessem contribuir na comunidade e também aproveitando o arraial, local de festejo onde ficavam brinquedos, barraquinhas e comidas típicas, que iniciava ao termino da liturgia que acontecia na igreja do padroeiro.

As manifestações eram sempre compostas por famílias. As manifestações culturais para onde iam essas famílias eram festejos coordenados pela igreja, era o culto, as precisões, as vias-sacras, etc. Esses festejos culturais ajudavam na união de toda família, tornando-se numa tradição familiar (Entrevista 05).

No mês de outubro é festejado o Círio da padroeira da cidade a Virgem de Conceição. Está é a maior festa religiosa do povo abaetetubense. Ainda hoje se preservam a tradição do festejo durante os dias de festa, porém falta a presença e participação das famílias, dos jovens. *Este era sem duvida o período mais sonhado e mais ardemente esperado. Passava-se o ano todo trabalhando, pensando e se preparando para a festa de Conceição, como carinhosamente era chamada pelo povo.* (SERRAH, 1999:35). Via-se simplicidade nas pessoas, tudo era festa num contexto rustico e simples e de singular beleza, e de inconfundível lição de amizade e solidariedade humana.

No final da festa, no dia nove de dezembro, todos se despediam saudosos, voltando para seus lugares de origem. O rio era a principal entrada e saída da cidade, à época, aliais era a única para quem viesse de fora. Ele ficava todo colorido, qualhado de pequenas e médias embarcações, com suas velas de pano, de todas as cores, barquinhos e outras canoas pequenas movidas a remo de mão (SERRAH, 1999:39).

# II Encontro

Quando convivemos no cotidiano real-imaginário de Abaetetuba, cuja sociedade consagrou sua invenção mítica, torna-se ainda, perceptível a atmosfera da cultura ribeirinha sobrevivente e a capacidade de maravilhamento diante das coisas, que constitui o etho da cultura ribeirinha na qual ela se insere e raiz do impulso de reflexão e criatividade de sua gente (LOUREIRO, 2005:19).

## CONCLUSÃO

Acredito que trabalhar nesse contexto da oralidade, como ferramenta metodológica a História Oral, é de extrema importância, pois, além dela servir como forma de reprodução do saber, também, torna-se importante para a construção da identidade cultural de uma cidade. Registrar a memória de sujeitos até então anônimos para a sociedade seja capaz de resgatar através da memória o patrimônio cultural esquecido pela nova geração do mundo contemporâneo.

O trabalho e pesquisa com a entrevista é enriquecedor, pois, compartilhamos histórias de vida do outro, deixando de ser apenas uma memória individual e se tornando em memória coletiva, ao passo que as narrativas vão se construindo, além da troca de conhecimento entre o entrevistador e o entrevistado, assim, vejo que, a história oral nos favorece de forma que recriemos uma visão diferente sobre a nossa comunidade da qual temos visto e/ou ouvido até então pelos documentos registrados pela memória oficial.

Vale ressaltar a importância em abordar e discutir sobre patrimônio cultural, pois, a valorização dos bens patrimoniais proporciona um entendimento e conscientização possibilitando que a sociedade contemporânea reflita sobre a importância das festividades religiosas, das quadrilhas tradicionais, do artesanato, poetas, danças regionais, enfim, valorizar aquilo que é nossa, nossas raízes, uma vez que a tradição de uma cidade flete na sua história, além de suas expressões culturais que indicam a memória da cidade e da comunidade local, sem excluir nenhum elemento que compõe o patrimônio cultural.

Durante o projeto consegui cumprir e alcançar meus objetivos de modo a desenvolver a pesquisa de maneira prazerosa, desde as pesquisas de cunho bibliográfico até o desfecho que se deu durante a análise das entrevistas. Devo relatar que darei continuidade à pesquisa, na construção do meu trabalho de conclusão de curso, onde irei focar nessa temática (memória e história oral) fazendo uma reflexão dentro do contexto escolar trabalhando a educação patrimonial, levando o educador a incorporar os bens culturais que a cidade possui no



processo de ensino-aprendizagem, para que as crianças e/ou jovens refletirem sobre a cultura e as tradições de Abaetetuba por meio das narrativas orais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HALBWACHS, Maurice, 1877-1945. **A memória coletiva**/ Maurice Halbwachs; tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

SERRAT, Maria do Monte. **Verdades, atos e fatos ainda não ditos**. Belém: Arajá, 1990.

FREITAS, Sônia Maria de. **Contribuição à memória da FFCL-USP: 1934-1954**. São Paulo: FFCH/USP, 1992, publicado pela Ed. Maltese como *Reminiscências*, em 1993.

BOSI, Ecléia. **O tempo vivido da Memória: Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 5. Ed. Campinas, SP: Cortez, 2001. (Biblioteca da Educação. Série 1. Escola; v. 16)

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 4. Ed. Revista e Atualizada, São Paulo: Global Editora, 1997.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Unicamp, 2003. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/8754345/HISTORIA-E-MEMORIA-Jacques-Le-Goff>. Acesso em: 05 jan. 2013.

LOUREIRO, Raimundo Nonato Paes. **João de Jesus Paes Loureiro, o meu irmão**. Belém. Gráfica Graf Norte Ind. E Comércio.

LOUREIRO, Raimundo Nonato Paes. **Abaetetuba: fundação mítica e brinquedos de miriti**. Abaetetuba, Pa. Prefeitura Municipal, 2005.

DESLANDES, Suely Ferreira; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 31. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade: Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5 nº10, 1992, p. 200-212.

